



“Perdão, porque mal sei ler” – apresentando António Aleixo, poeta popular português

Robertson Frizero Barros*

Resumo: António Aleixo (1899-1949) é um poeta singular na literatura portuguesa: semi-analfabeto, teve parte de sua pequena produção poética registrada por conta do interesse de intelectuais que viram, em seus poemas simples, uma autêntica voz do povo; ao mesmo tempo, perceberam ali uma obra poética de profunda riqueza filosófica e crítica social, que seria resgatada com renovado interesse pelas gerações futuras. Este artigo propõe-se a apresentar a vida e a obra de António Aleixo como um exemplo precioso de como a literatura oral, uma vez registrada, pode ser inserida na história da literatura.

Abstract: António Aleixo (1899-1949) is a singular poet in the Portuguese literature: semi-illiterate, part of his poetry appealed to intellectuals who saw in its simplicity a trace of an authentic voice from the people. They also realized in his poems a deep, rich philosophical trait and social criticism that would be renewed in interest by generations to come. This article aims at presenting António Aleixo's life and work as a precious example of how oral literature, once properly registered, can be inserted in the History of Literature.

Palavras-chaves: literatura oral; literatura portuguesa; poesia

Keywords: oral literature; portuguese literature; poetry.

“Embora não totalmente analfabeto – sabe ler e tem lido meia dúzia de bons livros –, não é capaz, porém, de escrever com correção e a sua preparação intelectual não lhe dá certamente qualificação para poder ser considerado um poeta culto” (MAGALHÃES, apud ALEIXO, 1983, p.19). Com essas palavras o professor Joaquim de Magalhães apresentou António Aleixo ao público português no prefácio do primeiro livro do poeta. A edição dessa primeira coletânea de versos de Aleixo, como será visto adiante, foi fruto do esforço de Magalhães para divulgar uma obra que, do contrário, permaneceria inédita até os nossos dias.

A poesia de António Aleixo despertou o interesse desse professor por conta, segundo ele, de haver naqueles versos “uma correção de linguagem e, sobretudo, uma expressão concisa e original de uma amarga filosofia, aprendida na escola impiedosa da vida, que não deixam de impressionar” (MAGALHÃES, apud ALEIXO, 1983, p.19). Magalhães assinala ainda o fato de que os poemas de Aleixo são “produtos de uma espontaneidade, quase

* Robertson Frizero Barros é mestrando em Teoria da Literatura pela PUCRS e aluno de Especialização em Ensino e Aprendizagem de Línguas Estrangeiras pela UFRGS

inacreditável para quem não [conhecia] pessoalmente o poeta”, para ele detentor de uma “inspiração raríssima” (MAGALHÃES, apud ALEIXO, 1983, p.19).

António de Souza Duarte, jornalista português, em seu livro *António Aleixo – o poeta do povo*, afirma que “falam pouco de António Aleixo as enciclopédias portuguesas. Significativamente pouco, se se atentar na forma renovada e ciclicamente entusiasmada como o [povo português] continua a conhecer, a citar e a cultivar o gosto pela sua obra” (DUARTE, 1999, p. 11). A poesia de Aleixo, ainda que pouco presente nos estudos acadêmicos, que raramente se debruçaram sobre a pequena obra deixada pelo poeta, é conhecida de boa parte do público português, que recita algumas de suas quadras como se fossem já composições de domínio público e autoria desconhecida, parte de sua memória afetiva e de sua cultura popular.

António Fernandes Aleixo (1899-1949) nasceu em Vila Real de Santo António, uma pequena cidade do Algarve, sul de Portugal, na fronteira com a Espanha. Filho de um operário tecelão, teve uma infância de dificuldades e foi obrigado a abandonar os estudos antes de completar o segundo ano de escolaridade. Sua experiência com poesia surgiu ainda aos dez anos de idade: há, no sul de Portugal, um antigo costume de grupos de crianças que vão de porta em porta, à época das festas natalinas, cantar as “janeiras”, quadras que se vão repetindo, alterando-se apenas o nome do dono da casa, que é então homenageado em troca de algum dinheiro ou prenda natalina. Como o repertório de seu grupo se esgotara, Aleixo começou a inventar, por si próprio, as quadras para o pequeno grupo de cantores populares.

A vida de António Aleixo, contudo, foi de sobrevivência difícil em meio à pobreza daqueles primeiros anos do século XX: foi tecelão, como o pai; serviu o exército, onde aprenderia de fato a ler e escrever, ainda que de forma rudimentar; depois, policial; imigrou para a França, onde exerceu o ofício de pedreiro; foi depois vendedor de cautelas de loteria – ocupações que mantinha em paralelo aos improvisos em praça pública, que, em pouco tempo, se tornaram uma nova fonte de renda, pois passou a se apresentar em festas populares e romarias, ocasiões em que começou também a vender seus versos impressos. Sobre suas várias profissões, escreveu Aleixo:

Fui polícia, fui soldado,
Estive fora da Nação,
Vendo jogo, guardei gado,
Só me falta ser ladrão.
(ALEIXO, 1978, p. 16)

Em 1942, por iniciativa de um amigo de António Aleixo, um relojoeiro da cidade de residência do poeta, Loulé, fez-se imprimir em uma gráfica local uma folha datilografada com cerca de duas dúzias de quadras do poeta que ele, o comerciante, colecionara. Joaquim de

Magalhães, à época professor do Liceu de Loulé, recebeu um exemplar da pequena coletânea e, entusiasmado pela qualidade poética que observou na despretensiosa obra, propôs-se a fazer uma compilação das quadras de António Aleixo, servindo-lhe de “secretário” para coletar material suficiente para a publicação de um volume de poesias. Sobre esse fato, escreveu Aleixo:

Não há nenhum milionário
que seja feliz como eu
tenho como secretário
um professor do liceu.
(ALEIXO, 1983, p.102)

Conta Magalhães em seu livro *Ao encontro de António Aleixo*, que sua intenção fora a de divulgar a poesia de Aleixo, que considerava digna de registro, mas também de ajudar, de alguma forma, o poeta que vivia em condições financeiras precárias para sustentar uma família numerosa – de esposa, dois filhos e quatro filhas, uma delas sofrendo de tuberculose em estágio avançado. As quadras reunidas por Joaquim de Magalhães, muitas delas improvisadas por ocasião do convívio do professor com o poeta, foram editadas em 1943, em plena Segunda Guerra Mundial, em um volume intitulado *Quando começo a cantar....* Sobre a publicação desta obra, Magalhães comenta que se tomou o cuidado de selecionar “tudo o que não pudesse ser motivo para eventual apreensão do livro, caso pudesse vir a ser considerado alvo das vistas curtas da censura intelectual de então” (MAGALHÃES, [s.d.], p. 10). O descobridor de Aleixo refere-se à PVDE, a Polícia de Vigilância e Defesa do Estado do regime ditatorial de António de Oliveira Salazar. Aliás, ao ditador português, o poeta dedicou estes versos – que o “secretário” Magalhães fez o poeta modificar para que fossem publicados no “Quando Começo a Cantar”:

Este sujeito é capaz
De fazer mil promessas
Mas faz tudo às avessas
Das promessas que faz.¹
(apud MAGALHÃES, [s.d.], p. 29)

A edição do livro de estreia de António Aleixo foi bem recebida pela comunidade algarvia – em parte pelo empenho de Joaquim de Magalhães na divulgação dos poemas de Aleixo – e, em apoio ao poeta, os livreiros da cidade do Faro abriram mão de sua comissão e ajudaram a divulgar o livro junto à imprensa portuguesa, fazendo com que o primeiro milheiro fosse esgotado em dois meses.

António Aleixo, contudo, no mesmo ano de lançamento de seu primeiro livro, descobre-se também tuberculoso como a filha e, por conta da intervenção de diversos artistas

¹ O primeiro verso original de Aleixo era: “O Salazar é capaz” (DUARTE, 1999, p.79).

de renome a seu favor, consegue internação em um sanatório na cidade de Coimbra. Naquela cidade, conheceu outros escritores, como Miguel Torga, e produziu um segundo volume de quadras, chamado *Intencionais*, e duas peças teatrais de inspiração vicentina, o *Auto do CURAdeiro* (sic) e o *Auto da Vida e da Morte*. A doença, contudo, não cedeu com sua estada no sanatório de Coimbra e, em 1949, António Aleixo viria a falecer na cidade de Loulé, de tuberculose. Por conta do temor do contágio e por desconhecimento, os vizinhos que atenderam ao poeta em seus últimos dias de vida atearam fogo a alguns dos muitos cadernos nos quais Aleixo registrou, incentivado por Joaquim de Magalhães, suas quadras e poemas.

Há uma curiosidade sobre a curta obra deixada por António Aleixo. Os três volumes publicados em vida – *Quando começo a cantar...*, *Intencionais* e o *Auto da Vida e da Morte* – esgotaram suas diversas edições; no aniversário de vinte anos da morte do poeta, em 1969, lançou-se o volume *Este livro que vos deixo*, por esforço de Vitalino Aleixo, filho do poeta, e do professor Joaquim de Magalhães que, até o fim da vida, dedicou-se à divulgação da poesia de Aleixo. Cinco anos antes da Revolução dos Cravos – e um ano depois do acidente que deixou inválido para a governança o ditador António Salazar –, o ano de 1969 foi de efervescência política e, em Portugal, começavam a erguer-se as vozes contrárias ao regime salazarista, que encontrariam nas quadras de forte cunho social de António Aleixo um reflexo de suas próprias contestações políticas. Alguns versos do poeta popular passaram a ser adotados, então, como palavra de ordem em certos círculos da vida cultural portuguesa, o que motivou uma redescoberta do poeta algarvio no ano em que completaria setenta anos:

Vós que lá do vosso império
prometeis um mundo novo,
calai-vos, que pode o povo
qu'rer um mundo novo a sério.
(ALEIXO, 1983, p. 29)

As circunstâncias políticas, aliadas ao caráter de crítica social encontrado em muitas das quadras do poeta algarvio, colocaram *Este livro que vos deixo* no topo da lista de livros mais vendidos desde a data de seu lançamento e por algumas semanas consecutivas naquele ano de 1969. A poesia de Aleixo servia perfeitamente aos ideais revolucionários daquele momento – até mesmo pelo fato de sua publicação ter passado despercebida pela censura política de então, que pouca importância deu à reedição de quadras de gosto popular de um poeta pobre e marginal dentro do cânone literário português. Mas a atualidade da obra simples do poeta faz com que muitas de suas quadras pareçam ser escritas para o mundo de hoje e para o momento em que vivemos:

A ninguém faltava o pão
se este dever se cumprisse:

ganharmos em relação
com o que se produzisse.
(ALEIXO, 1983, p. 46)

À guerra não liguês meia
porque alguns grandes da Terra
vendo a guerra em terra alheia
não querem que acabe a guerra.
(ALEIXO, 1983, p. 28)

Se fazes tudo às avessas,
para que prometes tanto?
Não me faças mais promessas,
bem sabes que não sou santo.
(ALEIXO, 1983, p. 25)

Vós podeis chamar-me louco,
Democrata, socialista,
E comunista também,
Que eu sou de tudo isso um pouco,
Pois sou uma coisa mista
Do bom que isso tudo tem.
(apud MAGALHÃES, [s./d.], p. 33)

Uma das razões formais para o sucesso das quadras de António Aleixo é o uso quase que exclusivo de versos em redondilha maior. Norma Goldstein, em seu compêndio intitulado *Versos, sons, ritmos*, recorda que o “verso de sete sílabas [...] é o mais simples, do ponto de vista das leis métricas” e também o “verso tradicional em língua portuguesa”, que já era “frequente em cantigas medievais” (GOLDSTEIN, 2001, p. 27) e perenizou-se nas cantigas de roda, quadras e canções populares. Outro recurso usado intuitivamente por Aleixo é a composição de rimas alternadas – ABAB – externas e consoantes, a qual auxilia no ritmo natural da fala em língua portuguesa e oferece fácil identificação por parte do leitor. Tais elementos formais são, ainda, característicos da literatura oral e das formas cantadas de poesia popular, gêneros dentro dos quais Aleixo desenvolveu seu talento poético.

Embora praticasse formas tradicionais de poesia, em si mesmas limitadoras – o quarteto de sentido completo e a sextilha –, Aleixo impunha a esse gênero um traço bastante peculiar de narrativa e de crônica do cotidiano. Seus temas principais oscilavam entre a crítica social, os infortúnios de uma vida miserável e os acontecimentos pontuais do cotidiano português. Curiosamente, quase nada de sua produção ecoa os temas amorosos ou o saudosismo tão presentes na poesia lusitana que o antecedeu:

Nas tuas horas mais tristes
de mágoas e desenganos,
pensa que já não existes,
que morreste há muitos anos.
(ALEIXO, 1983, p. 85)

O que torna a obra de António Aleixo verdadeiramente singular é o que ela representa dentro de uma perspectiva sociológica mais ampla: um poeta popular é sempre uma voz mais

próxima à voz do povo, que não sofre as censuras veladas do meio erudito e expressa, em suas formas simples, a sabedoria oriunda da vida empírica mais que do conhecimento construído pelos estudos. Mais que isso, a obra de António Aleixo é um exemplo vivo de que a expressão poética não está cerceada nos limites da academia ou dos círculos de erudição. Aleixo era, acima de tudo, consciente de seu lugar e de suas limitações no mundo, que ele conseguia suplantar apenas por meio de seus versos:

Peço às altas competências
Perdão, porque mal sei ler,
P'ra aquelas deficiências
Que os meus versos possam ter.

Quando não tenhas à mão
Outro livro mais distinto,
Lê esses versos que são
Filhos das mágoas que sinto.

Julgam-me mui sabedor;
E é tão grande o meu saber
Que desconheço o valor
Das quadras que sei fazer!

Compreendo que envelheci
E que já daqui não passo,
Como não passam daqui
As pobres quadras que faço!
(ALEIXO, 1983, p. 21)

Referências

ALEIXO, António. *Este Livro que Vos Deixo...* Loulé: Edição de Vitorino Aleixo, 1983.

_____. *Inéditos*. 1. ed. Loulé: Edição de Vitorino Aleixo, 1978.

DUARTE, António de Sousa. *António Aleixo – O Poeta do Povo*. Lisboa: Âncora, 1999.

GOLDSTEIN, Norma. *Versos, Sons, Ritmos*. São Paulo: Ática, 2001.

MAGALHÃES, Joaquim de. *Ao Encontro de António Aleixo*. Lisboa: Secretaria de Estado da Juventude e Desportos, s.d. (Cadernos do Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis)

MAGALHÃES, Joaquim de. *Explicação Indispensável*. In: ALEIXO, António. *Este Livro que Vos Deixo...* Loulé: Edição de Vitorino Aleixo, 1983.